

Especialistas reprovam escolas que estimulam lucro e competitividade

Antônio Marinho e Antonio Freitas Borges Neto*

• Fernando, de 8 anos, desde os 3 adora rabiscar e pintar. Na semana passada, ele mostrou aos seus pais, o designer Celso e sua mulher Sandra, alguns dos desenhos que fez. E perguntou à mãe qual era o mais bonito. Ela apontou um, colorido em tons de verdes, preto e vermelho. Quando os pais esperavam que o filho oferecesse o desenho, ele disse que os trabalhos estavam à venda: "O preto-e-branco custa R\$ 1 e o colorido US\$ 6". Isso mesmo, dólares!

— Meu queixo caiu. Fiquei chocado e me recusei a pagar US\$ 6. Perguntei ao meu filho por que ele estava vendendo os desenhos. Ele me respondeu que eu também vendia os meus. Fiquei sem resposta — conta Celso.

A preocupação com dinheiro, lucro e competitividade chegou à primeira infância, nas salas de aula

do ensino fundamental. As escolas do Rio e de São Paulo estão ensinando às crianças como sobreviver no mundo capitalista. No colégio Anglo-Americano, no Rio, meninos entre 7 e 9 anos são considerados pequenos empreendedores e aprendem a montar uma empresa, a financiar e a vender um produto (confeccionado pela turma) e a lucrar com ele na feirinha da escola. Na Corcovado, também no Rio, alunos da mesma faixa etária aprendem noções de economia. Entre os temas, como funciona um cartão de crédito.

Há, porém, quem condene esta nova tendência do ensino fundamental. Para pedagogos e psicanalistas, as escolas estão perdendo a oportunidade de formar cidadãos críticos e pensantes.

— A criança deveria aprender a pensar e a lidar com emoções e ter respeito aos outros. As escolas estão valorizando o dinheiro e tirando a possibilidade

de ver o mundo de forma diferente. Quem disse que, para vencer na vida, é preciso seguir a cartilha neoliberal? — pergunta a psicanalista Eliana Helsinger.

O pedagogo Julio Groppa Aquino, da Universidade de São Paulo, concorda:

— É preciso acabar com essa idéia de que a escola serve para preparar as pessoas para o mercado de trabalho. As escolas devem formar pessoas inteligentes, que saibam pensar. Não vale desistir de ensinar às crianças brasileiras valores sociais, com o objetivo de formar empreendedores. A escola deveria ser um lugar para se experimentar a curiosidade e a complexidade da vida. Dependemos de instrumentos para administrar o viver e a ferramenta para isso é o pensamento. Não adianta ensinar as crianças a serem competitivas, elas já são. É preciso ensiná-las a serem éticas, a compreender o mundo em que vivem e segurar a sede de consumo. *Continua na página 2*

